

# memória **CULT**

Ouro Preto - MG - Brasil - Ano IV - nº 10 - abril de 2014



**Imprensa Oficial lança o livro “Liberdade, essência de Minas”**

**Comenda Ambiental - São Lourenço 2014**

**Benito Barreto: o romancista entrevistado**

**INÉDITO**  
No Brasil, primeiro veículo  
a álcool do mundo





## O outro nome de Minas

**E**sta edição da Memória **CULT** vem marcar de forma indelével seu compromisso editorial com a perenização de nossa história e de nossos momentos marcantes. A entrega da Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço tem espaço de destaque, marcando assim uma das últimas solenidades públicas com a presença e participação do governador Anastasia, como ele mesmo destacou em seu discurso. Na mesma matéria, a presença do atual governador de Minas Alberto Pinto Coelho, que antes de assumir já demonstrava sua preocupação com a questão ambiental e a sua atenção com os recursos hídricos do Estado, como destacamos em trecho de seu discurso.

Outro evento marcante foi o lançamento, nas solenidades do 21 de abril em Ouro Preto, do livro editado e lançado pela Imprensa Oficial sobre a história mineira, batizado de “Liberdade, essência de Minas”. O livro faz uma viagem no tempo, revelando que liberdade é mesmo o outro nome de Minas, como bem disse o presidente Tancredo Neves.

Na entrevista, o novo imortal da Academia Mineira de Letras, Benito Barreto, um dos maiores romancista dessas terras e de sua obra importantíssima para as futuras gerações, quando mergulha na história de Minas para nos dar seus melhores personagens. Na entrevista, revela, expõe e detalha suas melhores histórias.

Muito podemos destacar sobre esta edição, como a revelação do primeiro veículo a álcool produzido em série no mundo. O FIAT 147 será exposto em breve, em mostras sob responsabilidade da montadora.

Voltando a Ouro Preto, temos as eternas varandas do Mestre Arouca, em texto primoroso de José Efigênio, e a enigmática figura de Bernardo Vasconcelos, esmiuçada aqui pelo juiz Bruno Terra Dias.

Assim, convidamos a todos a fazer uma viagem no tempo, com votos de uma prazerosa leitura.

**Eugênio Ferraz\***  
**Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT**

**\*Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG, é o Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais**

# Sumário



**08** Comenda Ambiental  
de São Lourenço

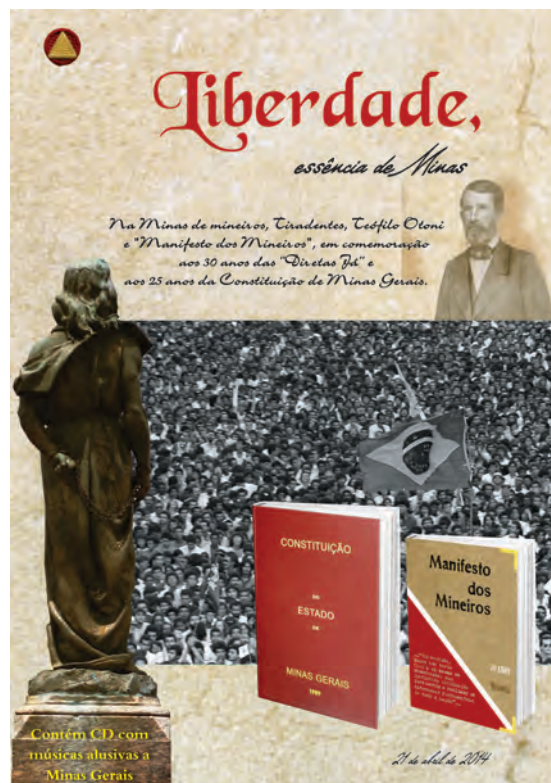
**04** Página do Artista  
Elias Layon

**05** Entrevista  
Benito Barreto

**17** Varandas do Mestre Arouca  
José Efigênio Pinto Coelho

**21** Bernardo Pereira de Vasconcelos  
Bruno Terra Dias

**30** Uma viagem no tempo:  
o primeiro veículo a álcool  
Eugênio Ferraz



**26** Edição Histórica é  
lançada no 21 de abril  
em Ouro Preto





# Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: [memoriacult@gmail.com](mailto:memoriacult@gmail.com)

A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Caro Petrônio, transmita ao Eugênio Ferraz meus cumprimentos pela excelência da revista Memória **CULT**, cujos números 8 e 9 acabei de ler, confirmando a qualidade dos textos e diversidade de temas, além da primorosa apresentação gráfica.

Abraços,

**Aloisio Garcia**  
Acadêmico da AML

Bom ver a história de Minas contada e preservada nas páginas da Revista Memória **CULT**. É mais ou menos isso que tentamos fazer em nosso programa Viação Cipó. Sempre estamos cuidando e preservando a memória de Minas e nossa mineiridade.

Parabéns a todos que a fazem,

**Otávio di Toledo**  
jornalista e apresentador de TV



Moro aqui no Sul da Bahia, em Arraial D'Ajuda. Sempre faço minhas incursões nessas Minas da história e da arte por meio da revista Memória **CULT**. Aqui, me sinto um pouco mais mineiro e aproveito para matar a saudade do meu estado natal.

Com meus agradecimentos,

**Jorge Lemes**  
Cantor e compositor mineiro, radicado em  
Arraial D'Ajuda - BA

## Expediente **memória CULT**

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - Ano IV - nº 10 - abril de 2014

Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

Editor | Petrônio Souza - Reg.: 07124/MG

Projeto Gráfico | Raphael Simões

Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos

As manifestações expressas em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.

Foto do quadro da capa - Raphael Simões

# Elias Layon

Quem visita a histórica Mariana, em Minas Gerais, deveria, antes de percorrer a cidade, entrar no atelier do artista Elias Layon. De lá sairia com o olhar contaminado por uma imagem poética da cidade que a realidade está longe de proporcionar.

Mais importante do que os casarios coloniais, na pintura de Layon as brumas são seu fundamento constitutivo. No rigor de cada composição, a palpabilidade do mundo desaparece e o motivo das brumas se impõe preponderantemente.

Na sua obra a cor, as linhas e as massas pictóricas refletem a essência dessa toalha fina de neblina fresca, a bruma, em sua profundidade, no seu aveludado, na sua maciez no seu odor.

A cada nova tela do artista, o mundo se dissolve sobre os reflexos da bruma. A cidade parece transfigurada por uma atmosfera mágica. Layon não quer, portanto, revelar os mistérios da cidade, quer torná-la uma terra de mistérios. Suas telas refletem cada pequeno espaço da cidade, de sua natureza, de suas luzes revelando o que eles têm de mais íntimo e sublime.

Ao mergulhar em cada tela do artista parece que provamos do hálito de eternidade, levando-nos para além do tempo físico e nos mantendo suspensos numa atenção atemporal, diante de uma visão só possível de ser capturada pelos pincéis do artista.

Sua arte devolve à cidade de Mariana a sua condição perdida, condição poética que é redescoberta e iluminada pela arte, sabendo que é a obra de arte que a torna perene.

O artista realiza o milagre de tornar cada pequeno fecho de luz, cada movimento da neblina, cada frescor matinal e folhas de árvores que dançam ao sabor do vento, num edifício imenso de força viva, que transpira uma permanência indefinida. Provamos de uma alegria, que à simples lembrança de suas telas, sempre retorna. Pois, como dizia o poeta Keats, "uma coisa bela é uma alegria para sempre".

Mas nosso artista não apenas é pintor. Layon descobriu, após uma vida dedicada à pintura, a expressão artística da escultura. E essa descoberta da escultura já surpreende em sua riqueza de expressão e qualidade técnica.

**Jardel Dias Cavalcanti - Crítico de arte**



Recentemente, Layon expôs seus trabalhos na Galeria de Arte da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

A mostra foi em homenagem aos 116 de Belo Horizonte, com 116 quadros pintados pelo artista reverenciando a Capital Mineira.





## O universo infinito de Benito

*Um dos maiores escritores mineiros em todos os tempos, Benito Mussolini Barreto, natural de Dores de Guanhães, região central do Estado, fala à memória CULT de sua literatura elaborada, pesquisada e ambientada em Minas Gerais, em tempos de sonhos, paixões e muitas revoluções.*

**Petrônio Souza Gonçalves e Sebastião Nery\***

**E**leito para a Academia Mineira de Letras em 2013, ainda sem tomar posse, Benito recebe a redação da revista em sua ampla e arejada casa no bairro Belvedere, em Belo Horizonte, revelando seu amor ao Estado natal e a história edificada por homens e idéias, ao longo do tempo. Comunista histórico, Benito revela, em livro produzido pela família para comemorar seus 50 anos de literatura e história, a origem de seu nome de batismo:

“Eu sou de 1929, então cheguei em pleno auge do fascismo e foi neste clima que recebi este nome, Benito Mussolini, um operário, trabalhador. Chefiei um movimento revolucionário, tomou o poder (na Itália) em 1922 e se caracterizou naqueles primeiros anos por uma série de realizações que repercutiram no mundo todo. O abraço real ao nazifascismo veio depois que se aliou ao Hitler. Depois da guerra tive problemas, tinha que explicar este nome, naqueles dias em que italianos, alemães e japoneses estavam sendo agarrados na rua e havia inclusive muita violência. Também fui um jovem fascista. Lia biografias de Hitler, Mussolini, lia muito Nietzsche. Isso em 1946 para 1947. Naquele tempo, estava se passando o julgamento de Nuremberg, os líderes alemães presos estavam sendo julgados e sucessivamente enforcados. Passou o filme aqui e fui ao Cine Glória, na avenida Afonso Pena, que era o cinema mais popular de Belo Horizonte. Na hora da sentença, dei uns berros: - “Abaixo os Estados Unidos!, Viva a Alemanha!”. Quase fui linchado. Isso sem que ninguém soubesse o meu nome... Se eles soubessem, eu não estaria aqui!”

Sobre a sua trajetória, ele lembra do engajamento ideológico na juventude e das suas atividades revolucionárias no final da década de 1940: “Naquela época havia comunista para todo lado, fazendo a maior arruaça e galvanizando o entusiasmo de todo mundo. O Partido Comunista, de repente, tinha um milhão de pessoas e eu pensando em formar grupos para combater os comunistas na rua. Morava numa pensão de estudantes na rua Espírito Santo. O País recém saído da ditadura de Vargas, que durou 15 anos, então sem eleições, debate, PC, marxismo, imperialismo, tudo fervendo. Havia um quintanista de Direito, dirigente do Partido (Comunista). Ele já tinha lido muita coisa de que eu nem tinha notícia e me ganhou todas com aquela dialética do marxismo, porque realmente são irrespondíveis: a luta de classes, o imperialismo, o regime capitalista e o povo. Eu fiquei perplexo no meio de todo mundo ali. Meus amigos ficaram murchos, derrotados comigo, inclusive meu amigo Dirceu Mourthé, que era companheiro de quarto e veio a ser comunista também. Então eu falei com o Paulo Bezamat: - “Você me arranja esses livros emprestados? Vou ler e vamos voltar ao assunto”. Me emprestou. Comecei a ler, fui logo sendo arrebatado. Eu tinha um empreguinho que larguei para lá, larguei as aulas. O Dirceu falava: “Benito, você vai comer livro?! Você vai morrer! Tem que parar pelo menos para comer!”. E eu lendo, lendo, completamente alucinado. A dialética do Lenin é simplesmente irresistível”.



O líder revolucionário se funde ao escritor: “Então eu me entreguei totalmente, me profissionalizei como agitador de massa. E comecei a ter dificuldade em aparecer, porque houve vários conflitos, choques de rua. Na Praça Sete, depois de uma pancadaria, um choque de grupos, de repente eu me vi sozinho, uma multidão querendo me linchar. Eu estava armado, saquei da arma para me defender. Os jornais diziam: - “Bolchevista de arma na mão”. Com isso e mais as minhas inclinações aventureiras, fui fazer revolução no Nordeste. Fui para a Bahia, pelo Rio São Francisco, e por lá fiquei. A Bahia era muito pobre naquele tempo, uma miséria. Pelo menos onde eu estava, no meu meio de povo, de gente pobre, uma refeição por dia: um cafezinho de manhã e um almoço. Maria Reis, uma espécie de mãe preta que eu tinha lá, militante do Partido, falou: - “Esse menino vai morrer se continuar desse jeito, eu vou cuidar dele”. Aí fui para a pensão dela, na Baixa do Sapateiro. Os hóspedes logo descobriram que aquele cara, magro daquele jeito, com

tosse, em tratamento, só podia estar tuberculoso. Eu tinha de me esconder dos hóspedes e, ao mesmo tempo, da polícia, porque era procurado”.

Sua história de vida fascinante desse período desaguou no livro “Plataforma Vazia” (1962), premiado, saudado por Guimarães Rosa (“Excelente escritor. Traz coisa autêntica, nova e própria. Desde a página inicial carrega muitas belezas, em linguagem ótima e estilo forte. Entusiasmou-me de verdade”) e por Jorge Amado (“Romancista de talento e de autêntica vocação”). Depois vieram “Capela dos Homens” (1968), “Mutirão para Matar” (1974), “Caféia” (1975), todos premiados, compondo a tetralogia “Os Guaianãs”. E, afinal, a obra-prima: - “Saga do Caminho Novo” em quatro volumes, a história da Inconfidência como nunca se contou antes e já saiu clássica: “Os Idos de Maio” (2009), Bardos e Viúvas” (2010), “Toque de Silêncio em Vila Rica” (2011), “Despojos: a Festa da Morte da Corte”(2012).

**Benito, boa parte de sua obra literária se funde com a história mineira. Como se dá essa fusão entre ficção e realidade em que uma interfere na outra sem perder a originalidade?**

SAGA DO CAMINHO NOVO é a minha visão ficcional da Inconfidência Mineira. Os quatro romances da tetralogia - OS IDOS DE MAIO, BARDOS & VIÚVAS, TOQUE DE SILÊNCIO EM VILA RICA e DESPOJOS - a festa da morte na Corte, refletem, respectivamente, a começar da prisão de Tiradentes, a 10 de maio de 1789, no Rio, o andamento e os passos dos protagonistas do Movimento. A partir desse fato e, a seguir, em Minas, aí compreendidos, de um lado, o Poder Colonial com todo o seu aparato repressivo, e de outro, os revolucionários, sediados, notadamente, em Vila Rica, (Ouro Preto), no Tejuco (Diamantina) e na Comarca do Rio das Mortes ou Campo das Vertentes (São João, São José del Rey, Prados, etc.) . Mas não os contam nem refletem como o faz a História, nos seus manuais, e sim, os recriando e contextualizando no dia-a-dia do seu meio e dos seus movimentos. Trata-se, pois, duma visão ficcional do fato histórico, no caso, a minha, em que me dou a liberdade de visualizar o personagem ou protagonista o recriando a partir do seu nome ou certidão nos Anais, lhe atribuindo uma feição que o individualiza, atitudes, fala, alma e desempenho imaginários e/ou imaginados, sem prejuízo de um nem outro, - a liberdade criativa e pessoal do autor, no caso, eu, e a verdade histórica da Inconfidência Mineira de 1789.

**“A obra de arte, seja a literatura ou qualquer outra [...] é, certamente, uma manifestação ou visão pessoal de vida e mundo...”**

**São mais de cinquenta anos de literatura, pesquisas históricas e militância política. Ideologicamente você busca passar alguma mensagem cívica na construção de seus romances?**

A obra de arte, seja a literatura ou qualquer outra como o cinema e o teatro, a escultura, e a pintura ou a música é, certamente, uma manifestação ou visão pessoal de vida e mundo, na qual, ainda quando se diga que não, estamos sempre dizendo ou querendo dizer alguma coisa. O que, a meu ver, não deve induzir-nos a fazê-la com essa ou aquela intenção, de dizer seja lá o que for, visando a servir pessoas, não causas, partidos, crenças nem bandeiras. Isso porque ela, a arte, ainda quando o seu autor não consiga ou alcance, de todo, deve, a meu ver, sempre esforçar-se por fazê-la acontecer à imagem e semelhança da vida. No que me diz respeito, levo isso ao extremo de não fazer nem obedecer, nunca, a um plano ou projeto na criação de qualquer dos meus livros - salvo o romance histórico, razões óbvias - e vou além, deixando ao personagem que acontece ou nasce do meu texto, viver, independentemente de mim e de propósitos meus ou da trama do livro, suas vidas e opções, enfim, ele próprio conduzir-se e tomar nas próprias mãos, no curso do livro, a rédea ou teia do seu destino.

**O que você encontrou de mais bonito e representativo na história de Minas Gerais nesses anos todos?**

Minas é, a meu ver, sentimental e amante, porém, determinada como o foram, em vida e na morte, os meus Guaianãs e o nosso Tiradentes.

**“...são 4 livros, cerca de duas mil páginas em que, desafinado, embora, eu conto e canto a história gloriosa de como viveu, forjou-se a têmpera e morreu por seu ideal, e seus companheiros, o mineiro Tiradentes...”**

**Você poderia falar de forma sucinta da sua tetralogia ambientada na Inconfidência Mineira?**

Tudo resumido numa fala breve são 4 livros, cerca de duas mil páginas em que, desafinado, embora, eu conto e canto a história gloriosa de como viveu, forjou-se a têmpera e morreu por seu ideal, e seus companheiros, o mineiro Tiradentes, que "dez vidas daria se dez vidas tivesse", pelo sonho que, por primeiro, ele sonhou, de fazer deste Brasil imenso um povo só, a nação livre e independente que, a rigor, ainda não somos.



**Quando você narra, de forma poética, a Inconfidência Mineira, você nos apresenta um cenário muito real, é como que se a gente estivesse nele. Há uma fórmula para o escritor conseguir esse sentido no leitor?**

Não, não creio que haja, para isso, uma fórmula... certo que não, mas isso que você diz da minha Saga Inconfidente é um depoimento que me lisonjeia e comove: a explicação seria ou está, talvez, na maneira apaixonada e cúmplice com que eu vivo os meus personagens e participo de seus anseios, alegrias e tristezas, enfim, das vitórias e/ou vicissitudes porque passam no curso de suas vidas. Com perdão do lugar comum, diria deles que são, sem exceção, carne da minha carne, de onde, como autor, eu posso rir e chorar com eles. Em todos e cada um deles.

**Você tem duas tetralogias, quatro para cada uma, oito romances as duas. Como se explica essa sua demora ou fixação em um tema?**

A pergunta é pertinente, eu mesmo já a fiz para mim, sem respondê-la, satisfatoriamente. Contudo, essa espécie de viés na minha literatura se parece muito com inclinação parecida no cotidiano da minha vida, marcada de afeições e relações duráveis: eu gosto, sim, de conhecer as pessoas e estar mais a fundo com elas, na vida real, como no mundo da ficção, e aí está, pode ser isso ou essa a explicação porque me demoro e alongo tanto nessas estórias...

**Nas comemorações dos seus 50 anos de literatura foi produzido um belo livro sobre sua vida e obra, fruto do trabalho, em equipe, de sua família. Como você recebeu essas homenagens?**

Com emoção e profundo agradecimento a todos, família e amigos, notadamente a Iracema, a Irá, minha mulher, que é quem a minha atividade de escritor, por certo, mais sacrifica e penaliza. Imagine-se o que seja para o homem ou a mulher isso de conviver, dia após dia, com um parceiro ou parceira que a todo instante e todo o tempo está vivendo duas vidas: a que traz por dentro, sua ficção, que, fictícia embora, é gente e, às vezes, até

muita gente - indo ele e vindo, sempre às voltas com seus sonhos e misérias, lutas às vezes, mortais, e amores turbulentos, enfim, tudo igualzinho, senão mais até do que aquilo que ele ou ela, com ela ou ele, vive e convive no mundo real, cá fora! Um saco! Carga demais e tamanha que, embora comigo e a minha sofrida companheira, felizmente, não tenha, jamais, chegado ao drama, lembra-me e faz pensar na tragédia de Euclides da Cunha com a sua, que, à força do continuado desgosto de mal conviver, e, sempre, corrido e pouco, com o marido escritor, acabou por enamorar-se por outro, aquele capitão que a tomou dele, o abateu a tiros e a seu filho, assim, tão cedo, nos levando o gênio maior, senão, por certo, dos nossos entre os mais grandes, que foi e vai ser para sempre o gênio de OS SERTÕES!

**Recentemente você foi eleito para ocupar uma cadeira na Academia Mineira de Letras. Como foi esse processo? Como está sendo essa nova fase em sua vida?**

Eu, pelo menos até que me acostume, acho que vou estar lá como um estranho no ninho, porque em se tratando da cultura, em geral, e da literatura, em particular, o meu perfil está, a meu ver, bem mais para franco atirador do que para este muito honroso título de acadêmico. De mais a mais, a minha idade não é mais para se estar chegando aonde quer que seja, muito menos, para começar lá o que seja e sim para adernar em casa, a arrumar-se e às gavetas... não é mesmo? Quanto ao processo, isso de como se deu que eu lá cheguei, foi coisa de amigos meus, na Academia, presente e galardão, o maior e mais significativo que recebi em toda a minha vida de escritor, que houveram por bem me dar aos meus 50 anos de literatura, que, então, ano passado, eu completava.

**“...a minha idade não é mais para se estar chegando aonde quer que seja, muito menos, para começar lá o que seja e sim para adernar em casa, a arrumar-se e às gavetas...”**

**Há alguma possibilidade de os seus livros ambientados na Inconfidência Mineira virem a se tornar um filme ou mini-série?**

É este, certamente, um desejo meu, uma esperança, - e não pelo que isso, acaso, me desse ou trouxesse de ganho e/ou notoriedade e recompensa pelo meu trabalho de tantos anos, que eu não recusaria, é claro, e admito até que os merecesse, embora sempre os possa dispensar - mas pelo fato de significação maior que seria ver na tela do cinema e/ou da televisão, sendo levado ao povo e a cada casa, Tiradentes e a sua vida, desde menino se fazendo e temperando para o desempenho histórico e de tão definitiva significação para nós e o Brasil que foram, para cada um de nós, e todo o nosso povo, a vida que ele viveu e a morte de herói, que soube morrer.

E assim pensando, apostei, por primeiro, nos cineastas de Minas; e na TV Minas, porque, quem sabe, começassem por esse lance capital da história de Minas e do Brasil, por fazer, aqui, também, novelas e/ou mini-séries! Devo dizer que, dada a natureza da matéria em questão, alimentei por todo o tempo a esperança de que o Governo de Minas, quem sabe, se manifestasse, mas aí, também, nada obtive, embora deva registrar que a nossa Assembléia Legislativa, então sob a presidência de nosso atual governador Alberto Pinto Coelho, mostrou-se sensível e interessada no meu trabalho, adquirindo e fazendo distribuir, por doação, centenas de exemplares de cada um livros da Saga, o que, porém, foi tudo por parte do Poder Público. Nesse quadro há que fazer registro, por ser verdade e de justiça, do apoio decisivo que recebi do Ministério da Cultura, por via da Lei Rouanet, mercê do qual pude editar e entregar ao público a Saga da Inconfidência e empreender a reedição em curso de Os Guaianãs, que remete aos Anos de Chumbo.

E assim é que sendo embora a Saga, já em si e ao longo dos seus quatro livros, roteiro pronto para uma minissérie ou um longa-metragem, como tantos o têm dito dela, notadamente, escritores e jornalistas, - não existe nada em andamento nem nada está por fazer-se dela, nessas praias. A obra de Benito é assim, de tanta beleza, de tanta profundidade, beira o infinito...

\* Jornalistas



# Comenda Ambiental

## Estância Hidromineral de São Lourenço-MG



**A** Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço foi entregue neste ano no dia 23 de março, às 10h, na Praça João Lage, em frente ao Parque das Águas, em São Lourenço.

A Comenda destina-se a condecorar cidadãos que se destacaram em prol da disseminação, incentivo, apoio e divulgação das atividades relacionadas ao Turismo, à Preservação Ecológica e Ambiental, além do Desenvolvimento Sócio-

Econômico e Cultural de São Lourenço, engrandecendo e dignificando o Município, o Estado de Minas Gerais e o País.

Todo o evento aconteceu na semana em que se comemora o Dia Mundial da Água. Neste ano a solenidade foi novamente presidida pelo governador de Minas Antonio Anastasia, tendo a presença do vice-governador Alberto Pinto Coelho, que foi o orador oficial do evento.





Instituída em 2011, por iniciativa da ensaísta Ivanise Junqueira, a Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço tem como Chanceler o Diretor-Geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais, Eugênio Ferraz. A Comenda foi criada quando Eugênio Ferraz era superintendente do Ministério da Fazenda em Minas Gerais. A ideia da Comenda foi viabilizada pelo prefeito José Neto, que desde então vem se empenhando na revitalização do turismo e das tradições culturais da Estância Sul Mineira.

Conhecida nacionalmente por seu Parque das Águas, que abriga fontes de água gasosa, sulfurosa, alcalina, ferruginosa, magnesiânica, entre outras tantas fontes, a cidade de São Lourenço se destaca por ser uma das mais aprazíveis cidades turísticas do país.

No ano passado, o Ministério Público de Minas Gerais, por meio da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais encaminhou, oficialmente, ao Instituto do Patrimônio Histórico de Minas Gerais o pedido de tombamento do Parque das Águas da cidade, com a justificativa de que “O Parque das Águas de São Lourenço seja alvo de proteção por tombamento em função de seu relevante valor cultural para o município e o Estado”. Igualmente propôs a inscrição de suas águas minerais como patrimônio imaterial, caso inédito.







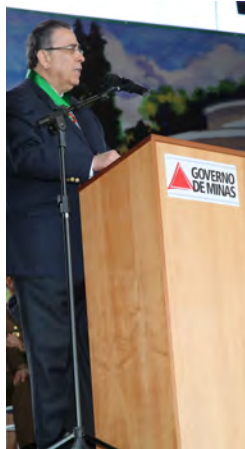
“...Ao caro próximo Governador, Alberto Pinto Coelho, que nos honra com sua oração oficial, temos a certeza da continuidade desse apoio a esta São Lourenço. Da mesma forma, que confiamos, com absoluta convicção, da continuidade desse apoio pelo Governo que o sucederá...”

**Eugênio Ferraz**  
Chanceler da Comenda



“...naquele saudoso concerto do Presidente Juscelino Kubitschek, no Teatro Municipal, no seu ato de formatura, nos faz lembrar de como é bom ter um Presidente mineiro, como é bom ter um Presidente da República das Minas Gerais...”

**José Sacido Barcia Neto**  
Prefeito de São Lourenço



“...Ao preparar minhas palavras[...] deixo conta de que elas estão antecipadas [...] pela estimada, escritora e ensaísta, Ivanise Junqueira Ferraz. [...]: a criação desta Comenda surgiu em sua mente como uma ideia que a exemplo de uma semente, quando jogada ao vento, caindo em terra fértil, com a luz e o calor do sol, o ar e a água, germina e brota e assim, ela haverá de crescer e suas flores e frutos serão abundantes, perpetuando-a no ambiente por gerações...”

**Alberto Pinto Coelho**  
então Vice-Governador de Minas Gerais,  
Orador Oficial do evento



“...É um sucesso! É um sucesso não pela medalha em si, mas pelo evento, pelas personalidades que ela traz, pela discussão do tema ambiental, pela percepção que temos sempre da relevância que é a sustentabilidade e o cuidado com o meio ambiente. Acredito que Ivanise foi muito feliz quando, filha da terra, concebeu, juntamente com Eugênio, a realização desta Comenda...”

**Antonio Augusto Junho Anastasia**  
então Governador de Minas Gerais







# registros







Para o Chanceler da Comenda Ambiental, Eugênio Ferraz, “a Comenda vem externar também as ações em prol da perenidade do Parque e de suas águas, que vem há décadas sendo fonte de vida e saúde para o povo mineiro e brasileiro”. A escritora Ivanise Junqueira declara que “o evento da entrega da Comenda vem trazer essa consciência de preservação de nossas riquezas naturais. É uma ação que vai além do tempo e espaço, assegurando para as futuras gerações uma fonte inesgotável de vida, ao redor de onde gravita toda uma cidade que tem vocação natural para o turismo”. Para o prefeito de São Lourenço, José Neto, “a cidade de São Lourenço quer mostrar ao mundo que suas águas e seu Parque estão em terras de São Lourenço, mas pertencem à Humanidade”.





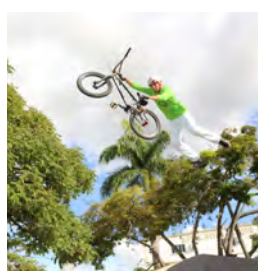
# Comenda Ambiental *para* São Lourenço



## acessibilidade

Neste ano a Comenda contou com o II Seminário Sobre Acessibilidade em Cidades Turísticas, recebendo especialistas sobre o assunto de todo o Brasil. São Lourenço agora se destaca na busca da acessibilidade para sua população e turistas.

Inspirada na fórmula original do evento de São Lourenço, outros seminários estão sendo realizado em Minas Gerais, buscando garantir a acessibilidade como direito de todo cidadão mineiro e brasileiro.



## espetáculos

Nesta edição, o viés cultural foi marcante nas cerimônias de entrega da Comenda Ambiental. Prova disso foram as apresentações e intervenções do grupo Valores de Minas durante os dias dos eventos e na entrega da Comenda, que a todos emocionou quando da apresentação do grupo de percussão Djumbê da APAE/São Lourenço. Dirt Bike e o Projeto Sociabilização, Arte e Cultura na Infância - SACI, foram atrações a parte para a criançada.

CIDADANIA! É como podemos resumir em uma só palavra a parceria capitaniada pela Chancelaria da Comenda Ambiental entre Polícia Civil e Polícia Militar. Foram diversas atividades: exposições temáticas, emissão de documentos, educação ambiental, entre outras.

Os shows da Orquestra Sinfônica da Polícia Militar e da seresta do Minas ao Luar brilhantemente conduzida pelo famoso Acir Atão também marcaram as noites de São Lourenço. Às tardes o espetáculo ficou por conta da banda local "PR Band".





## cidadania



## shows



## educação e cultura

Outra ação que deixou sua marca de forma singular no evento foi a tenda montada para doação de livros, que entregou à população de São Lourenço cerca de 5.000 livros da literatura nacional, além de revistas e livros de arte, todos distribuídos gratuitamente na Praça João Lage. As tendas montadas na praça receberam centenas de crianças.

No mesmo espaço, houve uma exposição alusiva ao Manifesto dos Mineiros





# legado à posteridade

Foi inaugurada a placa de um relógio de sol, de 2m de altura, sobre fonte de água, com marcação horária em forma de gota, como marco, tendo sob ele uma urna, enterrada com jornais, artigos e revistas versando sobre a Comenda, além do estudo do tombamento do Parque elaborado pela Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais e criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Lourenço.

## placa comemorativa

Este Relógio Solar, de autoria do artista Marco Paulo Passos, instalado nesta Praça denominada João Lage em homenagem ao benfeitor e doador da área, representa o diferencial do passar do tempo nesta especial cidade, com marcação em “gota de água”, o bem mais precioso da Humanidade, que em São Lourenço jorra com características singulares, foi instalado quando da 4ª edição da Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço, MG, cuja sequência anual foi iniciada em 2011 por inspiração da ensaísta Ivanise Junqueira Ferraz, e sob ele foi lacrada uma urna contendo jornais, revistas, imagens e notícias desta época, bem como documentos referentes aos procedimentos propostos pela CPPC/MP.MG de Tombamento do Parque das Águas e a inédita inscrição de suas águas como patrimônio imaterial e da proposta de criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Lourenço, além de “Livro de Ouro” contendo assinaturas de autoridades presentes, cuja abertura deverá ocorrer no domingo dia 20 do mês de março do ano de 2050, preferencialmente por cidadã local nascida nesta data de hoje, em solenidade relativa à pioneira Comenda Ambiental, na presença de autoridades, membros do IHGSL, imprensa e da sociedade, conforme definido neste histórico 23 de março de 2014, sendo:

Governador de Minas Gerais: Antonio Anastasia; vice-governador: Alberto Pinto Coelho; presidente do Tribunal de Justiça: Joaquim Herculano Rodrigues; presidente da Assembléia Legislativa: Dinis Pinheiro; procurador-geral do Ministério Público: Carlos André Mariani Bitencourt; prefeito de São Lourenço: José Sacido Barcia Neto; presidente da Câmara Municipal, Luiz Cláudio Siqueira; presidente do IEPHA.MG: Fernando Cabral; Diretor-Geral da Imprensa Oficial e chanceler da Comenda: Eugênio Ferraz.

Apoio Hotel Brasil

## sobre a urna...

A urna torna-se assim, uma cápsula do tempo, levando além do espaço, as notícias dessa época, em que a preocupação ambiental norteia a população e administração de São Lourenço e pereniza a Comenda Ambiental, como um evento que ressalta os valores cívicos de um povo, a consciência da preservação do Meio Ambiente e da vida. Nela foram locados documentos, fotos, filmes, livros, revistas e jornais que documentam a importância da Comenda Ambiental, em um perfeito registro histórico dos importantes momentos das quatro edições já ocorridas.

## Instituto Histórico e Geográfico de São Lourenço

Em vias de criação o Instituto Histórico e Geográfico de São Lourenço (IHGSL) começa a aglutinar ao redor de si os mais representativos nomes de São Lourenço e de sua história, fazendo assim, a grande casa da arte e de sua cultura da cidade.

O protocolo de intenções para criação do IHGSL foi assinado durante a cerimônia da quarta edição da Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço.









# VARANDAS do MESTRE AROUCA

José Efigênio Pinto Coelho\*

A complexidade de um detalhe em Ouro Preto nos faz destrinchar uma grande teia de fatos e acontecimentos. A varanda da casa vizinha à Casa dos Contos, do outro lado da ponte do ribeirão Xavier, traz essa complexidade. Sempre, chamou-me a atenção, obra tão bela e charmosa. Balaustrada de pedra sabão, peitoril, base e cunhais em rocha quartzo-clorita-xisto, de cor verde, muito usada em Mariana. Compondo essa maravilha, seis vasos lindamente esculpidos em pedra sabão. Essa casa pertenceu ao também contratador José Pereira Marques, pois, seu vizinho era o famoso João Rodrigues de Macedo, proprietário da Casa dos Contos.

Essa casa se confunde com o Horto Botânico do Frei Veloso, primo de Tiradentes, que ainda pode ser visto beirando o ribeirão dos Contos (Xavier). Devido à

grandiosidade da Casa dos Contos, nos passa despercebida a beleza da morada de José Pereira Marques, principalmente seus jardins suspensos. Há uma citação interessante nas Cartas Chilenas: “No meio desta terra há uma ponte, em cujos dois extremos se levantam de dois grossos rendeiros as moradas...”. Pode-se ver que, naquela época, casa e morador eram famosos, inclusive seu nome está nas Cartas Chilenas como Marquésio.

Vila Rica do Ouro Preto nunca teve momentos de calma, muito menos no final do século XVIII. Mas um grande acontecimento passou sem ser notado por aqui. Talvez a Inconfidência Mineira eclipsou o fato. Foi a presença do quarto Bispo de Mariana, o segundo a estar presente em terras mineiras, já que os dois anteriores viveram em Lisboa e administraram por procuração. O Bispo Dom Frei Domingos da

Encarnação Pontével, não encontrando ambiente favorável em Mariana, resolveu morar em Vila Rica e por aqui ficou, de 1780 a 1793, quando veio a falecer, sendo sepultado em Mariana.

Na Vila Rica ele construiu um Palácio para morar, na Rua Nova, atrás do Palácio dos Governadores. Hoje, restam as ruínas do que foi uma bela morada e os patamares feitos de pedra seca provam o fausto em que viveu Dom Frei Pontével. Essa casa pertenceu à atriz Domitila do Amaral. Assim, durante 13 anos, Vila Rica foi sede do Bispado de Mariana. Mas Dom Pontével não abandonou a cidade dos Bispos. Lá ele fez várias obras importantes, principalmente concluindo as iniciadas por Dom Frei Manuel da Cruz, o Primeiro Bispo da Diocese. Para esse grande empreendimento, Pontével contratou os serviços dos maiores mestres da região, Antônio Francisco Lisboa e José Pereira de Arouca.



Palácio do Bispo - Mariana



Casa do Contratador José Pereira Marques - Ouro Preto



Cunhal externo - Mariana



Cunhal externo - Ouro Preto



Cunhal interno - Mariana



Cunhal interno – Ouro Preto

Para terminar o Palácio Episcopal iniciado por Dom Frei Manuel, Dom Pontével contratou o Mestre José Pereira de Arouca, também conhecido como o construtor de Mariana. Há uma farta documentação provando que é sua a obra. Aqui, o que nos interessa é a varanda, que se encontra nos fundos do Palácio. A concepção em pedra sabão dos balaústres e a rocha quartzo-clorita-xisto no peitoral, base e cunhais, nos reportam à varanda da casa do contratador José Pereira Marques, em Ouro Preto.

As duas varandas são muito semelhantes. As pequenas diferenças entre elas acusam um pouco mais de capricho na do Palácio Episcopal, mas no conjunto, são bastante parecidas. Ambas dão para um belo jardim. Em Ouro Preto para o Vale dos Contos e, em Mariana, para o Parque que pertenceu ao Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte.

A propriedade do Contratador João Rodrigues de Macedo, mais conhecida como Casa dos Contos, foi, no período da Inconfidência Mineira, o palco das reuniões dos conjurados. O Proprietário, Contratador

e Inconfidente, nada sofreu a não ser a perda da casa para o fisco por causa da sua grande dívida. As pessoas mais importantes da Capitania circulavam pela mais bela construção civil do período Colonial: Padre Toledo, Padre Rolim, Cônego Vieira da Silva. Porque não a pessoa do Bispo, que era tido como o mais instruído da região e dono de uma invejável biblioteca?

Macedo era conhecido como um grande banqueiro, pagava contas de muitos amigos, inclusive, após a sentença, Bárbara Heliodora o procurou pedindo ajuda. Um grande silêncio paira sobre a presença de Dom Domingos Pontével na Inconfidência Mineira, mas na época, José Pereira de Arouca prestava serviço para o contratador Macedo. Segundo depoimento do próprio, em seu Testamento: “declaro que há vários annos fiz huma hobra a João Rodrigues de Macedo, e della me deve certa quantia, o que de melhor consta do meu livro...” Mestre Arouca trabalhava para os dois, o Bispo e o Banqueiro. Ambos não foram molestados pelos inquiridores da Devassa.



Mas da casa ao lado, objeto do nosso estudo, pouca documentação sobrou. Uma coisa é certa, “dois grossos rendeiros” habitavam lado a lado. Se Arouca trabalhou para Macedo, tudo indica que trabalhou também para Marques. Como a varanda do Palácio Episcopal de Mariana tem documentação comprovando ser de José Pereira de Arouca, também a varanda da casa do contratador José Pereira Marques é de José Pereira de Arouca.

A composição das varandas é a mesma, o autor utilizou do mesmo conhecimento das rochas. A rocha quartzo-clorita-xisto foi muito usada em Mariana, onde ainda podemos ver nos marcos de várias casas da Rua Direita. Em Ouro Preto, raramente se empregou essa rocha, fora essa varanda, vamos encontrá-la, somente na Capela de São Miguel e Almas. Um detalhe importante é o desenho dos cunhais, encontrados nas duas varandas. Esse mesmo desenho, está na base dos marcos da casa do Bispo Pontével, em Ouro Preto, o que nos leva também a refletir, ser uma obra de Arouca, não só por esse detalhe, mas pela proximidade dos dois.

Outro detalhe importante, Dom Pontével pagou enormes quantias a Arouca, para terminar as obras em Mariana, conforme consta nos livros do seminário. Fica uma pergunta: de onde veio esse dinheiro? Após a morte de Dom Pontével em 1793, o seminário entrou em decadência e “viu-se forçado a suspender-lhe o funcionamento.” Coincidência? O dinheiro acabou após a Inconfidência. Fica muito nítida a relação entre Dom Pontével, Arouca e Macedo. E, se pelas declarações do próprio José Pereira de Arouca, em testamento, conforme texto acima: “o que de melhor consta no meu livro”, ele executou obras na Casa dos Contos. Quais? Para mim, está muito claro. Foi a fachada e a escadaria da entrada, o que de melhor se vê. Se o bispo ficou em Vila Rica, por 13 anos em pleno período dos acontecimentos e cinco sacerdotes do seu clero estavam completamente envolvidos na conjuração, fica a pergunta: porque não o Bispo? Segundo Cônego Raimundo Trindade:” o episódio máximo do período colonial, não mereceu uma palavra do Bispo Diocesano.”



*Cunhal de quina - Mariana*



*Cunhal de quina - Ouro Preto*



*Varanda interna - Mariana*



*Varanda interna - Ouro Preto*





Diante da comprovação da relação existente entre Arouca e Macedo, Arouca e o Bispo, logo havia uma relação Macedo e o Bispo. Segundo Tarquínio J. B. de Oliveira, o Bispo Dom Pontével forçou o casamento de Alvarenga Peixoto com Bárbara Heliodora, casamento esse, realizado em São José pelo Padre Toledo. Macedo foi escolhido para ser padrinho de José Eleutério, filho do casal e Tomás Antônio Gonzaga foi padrinho de João Damasceno. Esse batizado, realizado em 10 de

outubro de 1788 ficou marcado como um momento de francas manifestações libertárias. Sabemos que o Bispo possuía uma bela biblioteca e era um dos homens mais eruditos da Vila. Outra pergunta: não seria ele o Reitor da nova Universidade?

Concluindo, o estudo da varanda da casa do Horto Botânico em Ouro Preto, nos levou a fazer um grande percurso pelos mistérios das relações entre pessoas que habitaram a Vila Rica no final do séc.XVIII e que, durante séculos,

passaram pela História, como não se conhecessem. Mais uma vez, o ouro, a religião e a arte se uniram, deixando um belo capítulo para a História de Minas Gerais. A figura do Alferes José Pereira de Arouca passa para um patamar mais elevado, pois, além de construtor e mestre canteiro, tinha uma boa relação com as pessoas mais importantes da Capitania, fato que faz dele, juntamente com Manuel Francisco Lisboa e Antônio Francisco Lisboa, um dos maiores mestres do período Colonial.





# Bernardo Pereira de Vasconcelos

Bruno Terra Dias\*



**D**esde a criação da Capitania das Minas Gerais, em 1720, por cisão da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, embora o fato político tivesse outros objetivos delineados, um efeito maior produziu aquilo que seria insuspeito e inesperado para a Coroa: uma autêntica civilização mediterrânea,

opulenta, importante, berço de homens e de ideias e de ideais. Nestas terras vieram se estabelecer famílias tradicionais e bem postas na Corte. Não é de estranhar que da civilização mineira tenham jorrado nomes dignos e respeitados, cuja pronúncia é imediata referência à cultura, à economia e à política nacional, bem como aos seus desdobramentos, nos momentos mais importantes para a Nação. Nessa perspectiva, a menção a Bernardo Pereira de Vasconcelos evoca uma linhagem, situações da Colônia e do Império, convulsões sociais e realização de aspirações há muito acalentadas.

A compreensão do sentido da vida de um homem público, em cuja biografia se registram atos de repercussão, para muito além das consequências meramente pessoais, demanda situá-lo historicamente, apurar as vocações familiares, a sociedade e a cultura onde se forjou seu gênio, a economia e sua identidade política. O conhecimento da personalidade e motivos de Bernardo Vasconcelos demanda mais do que habitualmente se lhe dedica, considerando o vulto das realizações de sua vida e o que determinaram à posteridade.

## Família

Tinha origem familiar lusitana, do lado paterno como do materno, contando-se, entre seus ancestrais, advogados, juristas e autoridades do Reino de Portugal. Seu pai, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, natural do Porto, nasceu em 28 de outubro de 1758, veio à Capitania ainda criança, com 8 anos de idade, retornando a solo lusitano para bacharelar-se em Direito; sua mãe, Maria do Carmo de Souza Barradas, natural de Mariana, cidade primaz de Minas Gerais, nasceu em 12 de maio de 1765. O casamento de Diogo de Vasconcelos e Da. Maria do Carmo ocorreu na Capela de Nossa Senhora do Carmo, Sé de Mariana,

em 21 de abril de 1785. Entre os amigos do bacharel coimbrão figuravam, dentre outros, Tomás Antônio Gonzaga (seu padrinho de casamento) e Cláudio Manuel da Costa, o que teria lhe valido a prisão, sob suspeita de participação na Inconfidência Mineira; da acusação, foi inocentado.

Mais jurista que poeta, melhor entendia de Direito que se exprimia em versos, apesar de em seu círculo de amizades figurarem escritores da mais elevada estatura. Diogo de Vasconcelos foi, ainda: Caixa da Administração Diamantina do Abaeté, Minas Gerais; Tesoureiro da Intendência do Ouro, em Vila

Rica; Inspetor do Papel Selado, em Vila Rica; Juiz de Órfãos de Vila Rica (em 1805, emancipou as irmãs Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, que se tornou Marília, nos versos de Tomás Antônio Gonzaga, e Joana Emerenciana de Seixas, sem o que não poderiam dispor de seus bens); fundador da Administração dos Diamantes de Judiaíá, em Minas Gerais; Vereador da Câmara de Vila Rica, que presidiu; Juiz do Crime do bairro São José, no Rio de Janeiro, tendo falecido no exercício das funções do cargo, em 1812. Da. Maria do Carmo morreu viúva, no Rio de Janeiro, em 1840.

# O mundo circunstante

O fausto do ouro de aluvião, motivo da cobiça e das ambições da Coroa portuguesa, que povoou o território e estabeleceu a civilização nas Minas, durou até 1750 ou, no máximo, até 1760. A partir de então, o decréscimo na produção, associado à cobrança do quinto e à derrama, criou condições adversas à vida na região mineradora, cuja característica principal era: opulência de poucos, autoridades reais e exploradores das principais e mais produtivas lavras; a pobreza de amplas maiorias, constituídas por tropeiros, oficiais, soldados, clérigos, profissionais liberais, comerciantes, burocratas e pequenos mineradores; população escrava próxima à metade do total.

Por época do nascimento de Diogo de Vasconcelos, em 1758, a produção média anual de ouro era da ordem de 1.603 kg, evoluindo em ritmo decrescente até 1795, ano do nascimento de Bernardo Vasconcelos, para produção média anual de 650 kg, valor maior apenas que a produção média anual do período de 1700 a 1705, logo ao início do ciclo. A riqueza que havia proporcionado o surgimento de Cláudio Manuel da Costa (o principal dentre os árcades), Tomás Antônio Gonzaga, Frei José de Santa Rita Durão, Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, Basílio da Gama, que havia permitido a revelação de gênios como Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho) e Manoel da Costa Ataíde (Mestre Ataíde), a música de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, Francisco Gomes da Rocha e Ignácio Parreira Neves, escasseava em crise econômica jamais enfrentada.

O desaguadouro natural de situação política, cultural, econômica e social tão complexa haveria de ser uma conjuração, movimento que ficou conhecido como Inconfidência Mineira. A rigor, inconfidência era o título de um crime previsto nas Ordenações Filipinas (Título VI do Livro V), legislação vigente à época, assim descrito, no texto original:

*Lesá Magestade quer dizer traição commettida contra a pessoa do Rey, ou seu Real Stado, que he tão grave e abominavel crime, e que os antigos Sabedores tanto estranharaõ, que o comparvão à lepra; porque assi como esta enfermidade enche todo o corpo, sem nunca mais se poder curar, e empece ainda aos descendentes de quem a tem, e aos que com elle conversãõ, polo que he apartado da communicãõ da gente: assi o erro da traição condena o que a commette, e empece e infama os que de sua linha descendem, posto que não tenhaõ culpa.*

Dos 12 inconfidentes condenados à morte, somente o alferes Joaquim José da Silva Xavier teve a pena mantida e executada. Os demais, por interseção de Maria I de Portugal, obtiveram comutação em degredo para colônias portuguesas na África (condenados civis e militares envolvidos) ou recolhimento a conventos em Portugal (condenados religiosos). Foi a mais grave condenação, por qualquer movimento ou conjuração de que se tem notícia em todo o período colonial, o que demonstra o terror causado à Metrópole, por receio de propagação das ideias de liberdade, revolução e independência, próprias do Iluminismo, que chegavam e eram cultuadas pela intelectualidade de Minas Gerais.

Este o mundo circunstante, o que se vivia e respirava em Vila Rica, no imediato ou por época do nascimento de Bernardo Vasconcelos.





# Do nascimento à juventude

Pouca informação encontra-se disponível sobre a infância e juventude de Bernardo Vasconcelos. Mas as múltiplas tarefas a que se propunha seu pai, Diogo de Vasconcelos, permitem formar uma ideia de como teria sido o período, entre os afazeres próprios da idade, em Vila Rica, as exigências das atividades profissionais paternas, os estudos, o aprimoramento da cultura e a formação do homem de Estado.

Por óbvio, as ruas estreitas e tortuosas, as ladeiras e o modo como a cidade sobrevivia ao declínio econômico e ao arrocho da Coroa portuguesa, sendo, com outras mais, o ancoradouro de quase toda a vida colonial nas Minas, sem concepções prévias e retilíneas tão características de períodos posteriores, tudo isso deve ter influenciado o menino e construído sua visão de mundo. A irregularidade do traçado de Vila Rica

não haveria de ser prejudicial, mas expressão da própria de uma época. A topografia acidentada ensejou instalação de igrejas e capelas em pontos de destaque, formando quadros de grande impressão ao espírito de quem, mesmo atualmente, caminha por suas ladeiras e ruas transversais serpenteantes.

Em cada lugar uma história. A extração do ouro, a cobrança do quinto e a derrama, os amores de Dirceu por Marília, as reuniões dos conjurados mineiros, os versos de Cláudio Manuel da Costa, o padecimento dos que ansiavam por independência, a sede de Justiça de um povo que não se resignava à sorte imposta, a morte suspeita do maior entre os árcades.

Tudo haveria de compor o cenário formativo daquela ilustre personalidade. Mas também fatos de sua vida privada importam e têm relevo. A destinação aos estudos o

levou a ser embarcado para Portugal, em 1807, por seus pais. A ascendência de destacadas personalidades, entre burocratas e jurisconsultos, haveria de ser proveitosa à criança, nos seus tenros 12 anos. Entretanto, a situação da Europa e, particularmente, de Portugal, ante as investidas de Napoleão Bonaparte, levou a embarcação a não cumprir o seu destino e a aportar na Inglaterra, de onde retornou a criança ao Brasil. Em terras brasileiras, continuou seus estudos, até 1813, quando, órfão de pai, embarcou novamente para Portugal. Na terra de Camões bacharelou-se em Direito, com distinção, em 1818, na mesma Universidade de Coimbra em que seu falecido pai, Diogo de Vasconcelos, também se formou.

Embarcou o jovem. Retornou, em 1820, o homem que tanto haveria de proporcionar ao seu país.

## O homem de Estado

O retorno ao Brasil no período de efervescência política que antecedeu a independência, não significou, de imediato, participação ativa nos fatos históricos. Primeiramente, estabeleceu-se advogado em Vila Rica e, logo, foi nomeado Juiz de Fora de Santo Antônio de Guaratininguetá, cargo em que empossado em 1821, nele permanecendo somente até 1822.

Sua vida de magistrado ainda registrou a nomeação para Desembargador do Tribunal da Relação do Maranhão, em 1825, quando contava 30 anos de idade. Não chegou a tomar posse no último cargo, pois havia sido eleito para a Assembleia Geral Legislativa do Império em 1824. Efetivamente, o Judiciário não foi sua vocação, apesar das relações familiares e da ancestralidade o recomendar. Sua paixão e seu desejo estavam na atividade política de

construção do Estado, da sociedade e da Nação, em projetos a que se dedicou até o fim da vida, em 1850.

A dinâmica do ambiente social, político e econômico da Vila Rica de sua infância certamente influenciou o início da vida parlamentar, de assumido liberalismo e oposição ferrenha ao Primeiro Reinado. Combates parlamentares pela extinção do Poder Moderador, do Conselho de Estado e da vitaliciedade no Senado, acusado de emperramento, três reminiscências absolutistas, assim como pela preeminência do Parlamento de investidura temporária, em afronta direta à ordem estabelecida, eram parte da rotina dos liberais moderados, entre os quais pontificava Bernardo Vasconcelos que, sobre o próprio D. Pedro I, acusando de arbitrário e despótico, assim se expressou:

*Quão diferente é hoje o estado do Brasil!!! A imprensa principia a servir à causa da liberdade; os cidadãos já não vivem tão inquietos e temerosos, e esses homens amamentados com o impuro leite do despotismo têm reconhecido sua inaptidão e incapacidade. Se até aqui a Constituição tem sido violada, se tantos os despotismos e arbitrariedades têm sido cometidos nesta terra da liberdade, é porque o grande monarca do Brasil o ignorava, e não se tinham reunido os que tem todo o interesse na consolidação na monarquia, isto é, os Srs. deputados.*

A conveniência de integrar um ministério, a convite do próprio D. Pedro I, em 1828, teve como resposta a recusa. O tirocínio político, que não lhe faltava, preferia a abstenção de participação em regime que seus parceiros, além do próprio Bernardo Vasconcelos,

combatiam. Um liberal não poderia integrar-se às forças conservadoras sem esperar consequências. Não durante o Primeiro Reinado, enquanto não houvesse reformas que justificassem um liberal moderado no Poder. A Revolução de 7 de abril de 1831, que forçou a abdicação de D. Pedro I e instaurou a regência trina, destinada a governar até a maioria de D. Pedro II, retirou poderes da monarquia, conferiu prerrogativas à Câmara dos Deputados e reformou o Judiciário, era o que esperavam os liberais, para admitir que o convite de 1828 fosse aceito, elevando Bernardo Vasconcelos à condição de Ministro da Fazenda.

## O homem mitológico

Era um Proteu, na feliz recordação de Wlamir Silva, em percuciente análise da primeira fase da vida pública de Bernardo Vasconcelos, assim apelidado em 1836, nas edições dos periódicos Aurora Fluminense, O Universal e Astro de Minas (os dois últimos editados em Minas Gerais); sua adaptabilidade e versatilidade no discurso político, alternando posições e opiniões, conforme o mais acendrado pragmatismo recomendaria, em autêntica antevisão do que fosse cômodo na capital do Império ou aos ouvidos de Minas, fizeram da comparação ao personagem mitológico uma quase identidade. Tal qual o personagem mitológico, Bernardo Vasconcelos mudou de substância e de forma política, de liberal, cultor da liberdade, a conservador, justificando a base escravagista da economia nacional. Uma indefinição característica das tensões formativas da Nação e do Estado.

Atribui-se ao próprio Bernardo Vasconcelos um texto de defesa das suas posições conflitantes, como a justificar as necessidades

alternantes da vida política. Mas inçada de dúvidas é a autoria, embora haja referências que a tornem crível:

*Fui liberal, então a liberdade era nova no país, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéias práticas; o poder era tudo; [...] os princípios democráticos tudo ganharam e muito comprometeram; a sociedade que até então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarquia [...] e por isso sou regressista*

Esta passagem, autêntica ou não, que alguns afirmam não ser contemporânea de Bernardo Vasconcelos, datando, possivelmente, de quase 50 anos após sua morte, em citações de José Pedro Xavier da Veiga, em suas Ephemerides Mmineiras, e Joaquim Nabuco, no célebre Um Estadista do Império, ambos publicados em 1897, bem ilustra e, de certa forma, justifica a alcunha que o distinguiu.

Outra passagem, igualmente interessante, mas livre de incertezas, qualifica o pensamento de Bernardo Vasconcelos e expõe, sinteticamente, as razões pelas quais abandona os liberais moderados, para situar-se entre os conservadores:

*Eu entendo que não haja um homem no mundo que não deseje o progresso [...] o progresso, pois, entra na natureza do homem, é o desejo insaciável de melhorar a sua situação, de procurar o seu aperfeiçoamento tanto física quanto intelectualmente. [...] Desgraçadamente, as revoluções [refere-se à culminância de 7 de abril de 1831, que se consumiu com a abdicação de D. Pedro I] tendem a exagerar todos os princípios e o progresso não ficou isento desta exageração. Entendeu-se por progresso demolir tudo o que existia só porque existia. Esta doença não é própria ou exclusiva do país que habitamos [...] Ora, a história de todos os povos mostra que, quando dominam tais ideias, infalivelmente o paradeiro do progresso assim entendido, assim definido, é o abismo.*

Sua pragmática política o encaminhava a buscar ordem para um país que, provocando a abdicação do imperador, não desejava extinguir a monarquia ou subverter as ordens política, jurídica e econômica. Tratava-se da prédica da defesa da liberdade pela ordem, sem alterações abruptas, ao modo de Guizot, como bem lembra Umberto Guarnier Mignozzetti.



# O jornalista das polêmicas

Reputa-se que tenha criado e incentivado jornais, em Ouro Preto e no Rio de Janeiro, publicando textos, por vezes antagônicos, criando expectativas e sondando a opinião pública, quanto a diversos assuntos, em periódicos como *Abelha do Itaculmy* e *O Universal* (ambos de sua terra natal), *Astreia*, *Sentinela da Monarquia*, *Caboclo*, *Brasileiro* e *Correio da Tarde* (da capital do Império). Registra-se que talvez tenha publicado no *Companheiro do Conselho* (de Ouro Preto), atuado no *Sete de Abril* (do Rio de Janeiro) e sido o inspirador do *Paraibuna* (de Barbacena). De qualquer sorte, escrevendo e publicando, mesmo sob pseudônimos, opiniões diversas e contraditórias, sobre temas momentosos, foi exímio perscrutador do sentimento do povo, na busca de lastro às suas atividades políticas.



## A carreira

Na carreira política, notabilizou-se. Eleito representante de Minas Gerais à primeira legislatura, após a outorga da Constituição de 1824, sempre se destacou pela inteligência invulgar, pela capacidade de compreensão dos problemas mais complexos e por apresentar soluções, pela insistência em materializar as promessas constitucionais. Ocupou, ainda, outros diversos cargos, tais como: membro do Conselho Geral da Província; Deputado à Assembleia Geral, Vice-Presidente da Província de Minas Gerais; Deputado Provincial; Ministro da Fazenda, Ministro da Justiça, Ministro do Império, Senador; Conselheiro de Estado.

A partir da reopção de pensamento, refugiando-se do liberalismo moderado que o caracterizou na primeira fase de sua vida pública, Bernardo Vasconcelos formou, juntamente com o Visconde do Uruguai (Paulino José Soares de Sousa) e o Marquês de São Vicente (João Antônio Pimenta Bueno), o lastro do pensamento conservador no Império.

De sua lavra são a lei que criou o Supremo Tribunal de Justiça (que substituiu o defasado Desembargo do Paço) e o Código de Processo Criminal do Império. Fundou o Colégio Pedro II, que tantos brasileiros ilustres formou, além de incentivar a criação de escolas pelo país. Sua influência, na criação de instituições e consolidação do Estado brasileiro, foi invulgar.

## A morte

Faleceu Bernardo Pereira de Vasconcelos em 1850, no dia 1º de maio, vítima de febre amarela, doença que dizimava a população do Rio de Janeiro. O

desaparecimento precoce do homem que tanto realizou foi sentido profundamente por um país ainda em formação.

# 21 de abril 2014

Francisnei Bispo\*

Na noite de 21 de abril, a Praça Tiradentes, em Ouro Preto, foi tomada pelo sentimento de liberdade, por ocasião da entrega da Medalha da Inconfidência, comenda que homenageia o mártir Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Neste ano, 240 personalidades mineiras e brasileiras foram agraciadas com a honraria.

Na abertura da cerimônia, o governador Alberto Pinto Coelho recebeu as honras militares da Guarda de Honra da Polícia Militar de Minas Gerais e passou em revista à tropa. Em seguida, o governador e o senador Aécio Neves, orador oficial da cerimônia, depositaram uma coroa de flores no monumento em homenagem ao mártir da Inconfidência.





A palavra Liberdade foi dita inúmeras vezes pelo orador oficial, Senador Aécio Neves, bem reafirmando a “essência de Minas”

O cantor e compositor Marcus Viana cantou “Canção do Herói”, de sua autoria, sob texto da ensaísta Ivanise Junqueira, que presta homenagem a Tiradentes, no

acendimento da pira da liberdade. Regido pelo maestro Lindomar Gomes, o coral formado por cerca de mil e quinhentas vozes, de diversas partes de Minas, cantou, além da Canção do Herói, o Hino Nacional Brasileiro.

A Medalha da Inconfidência foi criada em 1952 pelo governador

Juscelino Kubitschek para homenagear pessoas que prestaram relevantes serviços para a promoção de Minas e do Brasil. É a maior comenda concedida pelo Estado de Minas Gerais e tem quatro designações: Grande Colar, Grande Medalha, Medalha de Honra e Medalha da Inconfidência.

## Imprensa Oficial lança livro com registros históricos de Minas Gerais

*Livro “Liberdade, essência de Minas” foi lançado em Ouro Preto, durante solenidade da Medalha da Inconfidência*



No dia 21 de abril, Ouro Preto foi a capital simbólica de Minas Gerais e sediou a 63ª solenidade de entrega da Medalha da Inconfidência, em cerimônia presidida pelo governador Alberto Pinto Coelho. A Medalha foi entregue a 240 personalidades e entidades que contribuíram para o desenvolvimento de Minas e do Brasil. Na ocasião, a Imprensa Oficial de Minas Gerais lançou o livro histórico “Liberdade, essência de Minas”.

A obra é fundamentada em memoráveis instantes vividos pelo Estado, passando pela Inconfidência Mineira e Tiradentes; A Revolução Liberal e Teófilo Otoni; o lançamento do Manifesto dos Mineiros em 1943, o movimento das Diretas Já, que este ano completa 30 anos, além de referência aos 25 anos da Constituição Mineira, de 1989, considerada a mais cidadã entre todas.

## Artigos e autores de “Liberdade, essência de Minas”:

A face de Tiradentes, de Hebert Sardinha Pinto; Tiradentes: um resgate histórico necessário, de Auro Aparecido Maia de Andrade; O triste destino dos Inconfidentes mineiros degredados para a África, de Marcos Paulo de Souza Miranda; Um novo olhar sobre Tomás Gonzaga, de Marcos Henrique Caldeira Brant; Cláudio Manoel da Costa e a Casa dos Contos, de Eugênio Ferraz; O primeiro rosto de um Inconfidente, de Fernando Junqueira; O repatriamento dos ossos dos Inconfidentes, de Carmen Silvia Lemos; O presidente, de Rui Mourão; A bandeira, de Márcio Jardim; Pela 'piedade de Sua Majestade', de Ricardo Arnaldo Malheiros Fiúza; A Revolta dos Eclesiásticos, de Fernando Junqueira; Um poeta no exílio, de Adelson Gonçalves; Tiradentes no sertão, de Márcio Vicente da Silveira Santos; Abordagem sobre o Doutor Tiradentes, de Christobaldo Motta de Almeida; Rico e Revoltoso, de André Figueiredo Rodrigues; Logo após a Inconfidência, a Independência, de Jorge Lasmar; Marília de Dirceu, de Alexandre Sanchez Ibanez; Teófilo Otoni, de José Anchieta da Silva; Teófilo Otoni em Santa Luiza, de Marcos Henrique Caldeira Brant; Algumas pedras no meio do caminho, de Petrônio Souza Gonçalves; Diretas Já, de Bruno Terra Dias; 25 anos da Constituição Mineira, de Bruno Terra Dias; O primeiro Chanceler da Medalha da Inconfidência, de Aristóteles Drummond.

O lançamento foi feito pelo presidente da Assembleia Legislativa, Dinis Pinheiro, que assinou um exemplar do livro, juntamente com os parceiros da iniciativa: a secretária de Casa Civil e Relações Institucionais do Estado, Maria Coeli Simões Pires; o Diretor-Geral da Imprensa Oficial, Eugênio Ferraz; o presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Joaquim Herculano Rodrigues; o juiz Bruno Terra Dias, representando o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; o presidente da Academia Mineira de Letras, Olavo Romano; e o Procurador-Geral do Estado, Carlos André Mariani Bittencourt. O exemplar assinado foi entregue ao governador Alberto Pinto Coelho, e será incorporado ao acervo do Arquivo Público Mineiro. O Instituto dos Advogados de Minas Gerais também participou da edição.

A obra traz ainda um CD do cantor e compositor Marcus Viana, interpretando canções cívicas e alusivas a Minas Gerais. São quatro canções: o Hino Nacional, em um arranjo de sinfonia; Pátria Minas, de autoria do próprio Marcus Viana, em que declara seu amor ao seu Estado natal; a Canção do Herói, também de Marcus Viana, composta sob texto da escritora Ivanise Junqueira, considerada como um hino de exaltação a Tiradentes, além da tradicional música do cancionero popular, Oh, Minas Gerais, em nova roupagem, destacando a singeleza e a beleza da toada mineira. Da segunda edição também participam a Associação Mineira de Municípios e Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Minas Gerais.



Parceiros da primeira edição:



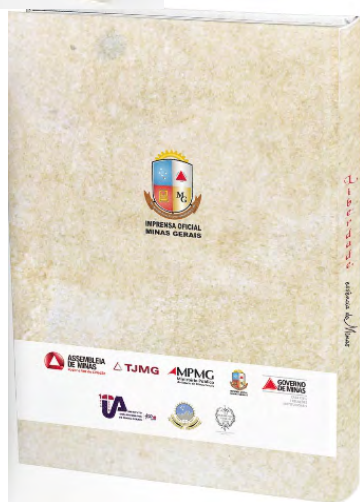
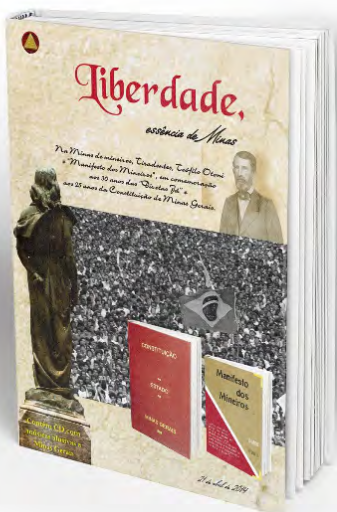
Novos parceiros na segunda edição:





*“Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda...”*

In: Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles



*“Cultuando perenemente a Liberdade, essência de Minas, aqui nasceram vários movimentos, ações e reações marcantes na vida nacional, dentre as quais destacam-se a Inconfidência Mineira, de Tiradentes; a Revolução Liberal, de Teófilo Ottoni; o Manifesto dos Mineiros, de lúcidos cidadãos; o movimento das “Diretas Já”, cuja efetiva consolidação em Minas permitiu a irradiação e expansão por todo o Brasil.”*

In: Liberdade, essência de Minas, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

Lançada pelo presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, deputado Dinis Pinheiro, a edição é um marco na história do Estado de Minas Gerais.

**Deputado Dinis Pinheiro, o que fez a Assembleia Legislativa apoiar a edição da obra “Liberdade, essência de Minas”?**

A iniciativa da Imprensa Oficial é de grande importância para os mineiros, e a Assembleia Legislativa, casa do povo mineiro, não poderia ficar de fora desta parceria.

**Em qual aspecto a obra é mais importante?**

Essa publicação mostra traços importantes da história de Minas. É uma obra que vai dar a sua contribuição para a construção de um Estado cada dia melhor, pois é fundamental conhecermos a importância de nossa própria história.

**Em sua opinião, haveria ocasião melhor para o lançamento do livro?**

Nada mais justo do que a Imprensa Oficial, que tem como missão preservar história de Minas, fazer o lançamento neste 21 de abril, dia em que o Estado celebra a luta pela liberdade, nesta mesma praça que é uma tribuna do civismo mineiro.

Concordando com o presidente da Assembleia Legislativa, o desembargador e presidente do Tribunal de Justiça, Joaquim Herculano Rodrigues, parabenizou o Diretor-Geral da Imprensa Oficial, Eugênio Ferraz, pela “iniciativa de eternizar a história de Minas por meio de uma publicação tão bem cuidada”.

O comandante da Polícia Militar de Minas Gerais, coronel Márcio Sant’Ana, ressaltou a importância do livro “Liberdade, essência de Minas”. “Essa produção vai propiciar a divulgação e o conhecimento do nosso Estado para que todos conheçam a nossa história e aumente ainda mais, em nós todos, o orgulho de ser mineiro”.

O juiz Bruno Terra Dias registrou que a obra demonstra a importância de Minas na história do Brasil. “A história de Minas Gerais forma a espinha dorsal da história do Brasil. Nunca será demais lembrar que os valores fundantes de Minas Gerais são os valores fundantes da nação. Esses valores devem ser cultuados todos os dias. A Imprensa Oficial, ao lançar este livro, marca mais uma vez a importância de Minas no cenário nacional”, afirmou o juiz.

O Diretor-Geral da Imprensa Oficial, Eugênio Ferraz, organizador da edição, afirma que “esse livro vem destacar a presença central que Minas exerceu nos momentos históricos mais importantes vividos pela nação, dando a exata dimensão da importância de Minas e dos mineiros para a história e a cultura nacional”.

Para o Governador Alberto Pinto Coelho, a obra assinala “a verdadeira vocação de Minas e seu compromisso inarredável com a liberdade e a democracia”. Para Alberto, o livro já é “um registro que revela para o Brasil o papel que o Estado sempre teve na construção da consciência e da memória nacional, dando ao país homens, ideias e efetivos ideais”.

# Uma viagem no tempo

## primeiro veículo do mundo movido a álcool

Eugênio Ferraz\*

**N**o final dos anos de 1990, quando estávamos no cargo de Superintendente do Ministério da Fazenda em Minas Gerais, quando tomamos conhecimento de um carro FIAT, modelo 147, que seria o primeiro veículo a álcool hidratado produzido em série no mundo, e que pertencia ao Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro.

As informações indicavam ainda que neste veículo existia uma placa, que trazia os dizeres: "Este veículo é inalienável. Trata-se do primeiro carro movido a álcool hidratado no mundo..."

A partir daí fomos em busca das informações e do próprio carro, que já despertava em nós interesses maiores face nossa ligação com o Patrimônio Histórico Nacional (sobretudo fazendário) desde os anos 70, por se tratar de uma

peça única, fruto da história recente do Brasil moderno que sonhava com o projeto nacional do Proálcool, condição que poderá representar a independência do Brasil no tocante à produção e consumo de combustível.

Apuramos, de forma ágil, que esse veículo serviu ao Ministério da Fazenda em Brasília, e fora adquirido no ano de 1979, já integrado ao projeto nacionalista e que dava um novo tom energético ao Brasil que se renovava naquele final de década.

A partir daí, conferida as informações iniciais e localizado o carro no Rio de Janeiro, fizemos gestões para o repatriamento do histórico FIAT 147, pois era ele nascido em terras mineiras e deveria voltar, depois de cumprida sua missão por anos a fio no Ministério da Fazenda, em Brasília.





## FIAT - PRIMEIRO CARRO A ÁLCOOL NO BRASIL.

O emprego do álcool como combustível automotivo remonta ao início do século XIX em mistura com querosene e éter. Em 1919, o governo pernambucano determinou o uso do álcool em veículos oficiais.

O apogeu do álcool combustível foi no começo da década de 30, quando surgiram figuras pioneiras como o cientista Eduardo Sabino de Oliveira do Instituto de Tecnologia, recomendava naquela época uma mistura de até 30% de álcool na gasolina e a instalação de bombas nos postos.

Pilotando um Maserati com 70% de álcool misturado à gasolina, o piloto Manuel de Teffé venceu em 1939 o circuito da Gávea.

Entre 1935 e 1943, um proprietário de uma usina em Minas Gerais, produziu 5 milhões de litros de álcool.

O Presidente Getúlio Vargas entusiasmou-se e decidiu fazer do Rio de Janeiro a primeira cidade a usar o álcool em automóveis. Quase vinte mil carros foram transformados, e durante três meses tudo correu às mil maravilhas, mas depois o álcool acabou.

No ano de 1973, quando os árabes resolveram suspender os embarques de petróleo, o mundo viu-se abalado por uma grave crise energética. O preço do produto elevou-se subitamente, provocando um grande estrangulamento na economia de quase todos os países, principalmente os do terceiro mundo.

Com a finalidade de reduzir a vulnerabilidade nacional no campo energético, o governo federal, em 14 de novembro de 1975, instituiu o Programa Nacional do Alcool - PROÁLCOOL.

A partir de 1979/80, quando foi criada a Comissão Nacional de Energia, iniciou-se a segunda fase do programa, juntamente com a comercialização de veículos movidos exclusivamente a álcool (então produzido diretamente do caldo da cana).

Em função, principalmente, de política de subsídios, o automóvel a álcool constituiu-se no grande trunfo da indústria automobilística.

Pela Resolução n. 9 de 06/03/1979 do Conselho Nacional de Petróleo, ficou estabelecida a sistemática de álcool hidratado para uso como combustível automotivo.

A indústria automobilística só se recuperou graças ao aumento da procura de carros movido a álcool.

**FIAT**  
Automóveis S.A.

MB/ma

VD/087/79

Betim, 17 de outubro de 1979

Ao

Ministério da Fazenda

BRASÍLIA - DF.

Prezados Senhores,

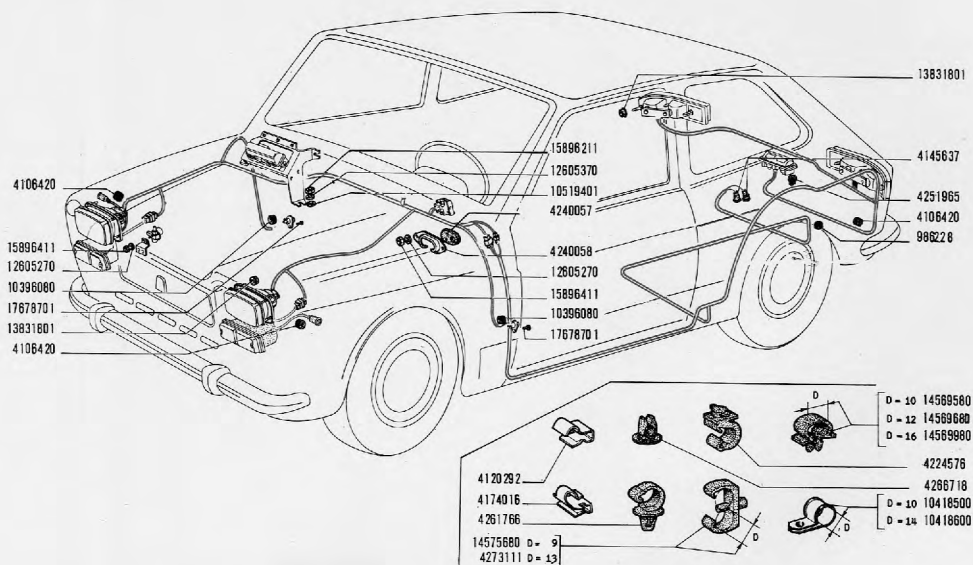
De acordo com solicitação de Vossas Senhorias, temos o prazer de informar-lhes que o Fiat 147 - Chassi nº 224.805, com pintura padrão DASP, adquirido por esse Ministério, foi o primeiro veículo à álcool homologado pela STI/MIC faturado pela Fiat Automóveis S.A.

Atenciosamente,

*Marcus Bicalho*

Marcus Bicalho

Gerente Dept.º. Vendas Diretas





## Pioneirismo e inovação – FIAT 147: um carro que entrou para a história

Rogério Faria Tavares\*

No momento em que, em todo o planeta, se discute uma saída para o impasse energético, é útil recorrer à história para conhecer como o tema começou a ser enfrentado no Brasil, ainda nos anos setenta do século vinte.

Instituído, em 1975, pelo governo federal, como uma resposta à crise do petróleo de 1973, o Pró-Álcool (Programa Nacional do Álcool) incentivava a produção de etanol a partir da cana de açúcar, o que motivou o setor automotivo a desenvolver soluções à altura do desafio então proposto.

Em julho de 1979, em atitude pioneira no mundo, a FIAT lançou no mercado brasileiro o primeiro veículo em produção seriada movido a etanol. O 147 começou a circular ao mesmo tempo em que os primeiros dezesseis postos do país se habilitaram a abastecê-lo. Era o início de uma nova era.

O motor 1.300 foi o escolhido para a conversão, a taxa de compressão foi bastante elevada e a carburação passou a trabalhar com mistura ar-combustível bem mais rica. Para lidar com o alto poder de corrosão do etanol, as peças do carro que entravam em contato com ele (como tanques, dutos, carburador e bomba) receberam tratamento especial. O motor ganhou potência, como recurso para conter o consumo. A estratégia deu certo e houve, na época, expressiva adesão dos consumidores ao novo combustível. Hoje, noventa e oito por cento dos carros vendidos no Brasil são 'flex', ou seja, podem rodar com gasolina ou etanol.

Além de proporcionar uma alternativa à gasolina, o Fiat 147 contava com características técnicas que eram muito valorizadas: motor transversal (dando mais espaço e conforto para os passageiros), pneus radiais (para ampliar o conforto e a estabilidade), coluna de direção retrátil (para reduzir o risco de lesões ao motorista em caso de acidente), estepe dentro do compartimento do motor, e uso de para-brisa de vidro laminado (que não se estilhaça em caso de quebra). Originário do Fiat 127, lançado na Itália em 1971 como o último projeto de Dante Giacosa (criador do lendário 'Topolino'), o 147 foi produzido no Brasil até 1987, sendo que, na Argentina, sua fabricação se estendeu até 1990.

Pronta para completar, em 2016, quatro décadas de atuação no Brasil, a Fiat, desde agora, se mobiliza para celebrar sua rica trajetória no país. Relembrar o seu pioneirismo e a sua capacidade de inovação no uso dos combustíveis alternativos é parte dessa tarefa, e é memória que inspira e dá coragem para construir o futuro sustentável de que tanto precisamos.

Naquela época pensávamos em exibi-lo em diferentes locais, depois de sua completa restauração a ser realizada em parceria com a FIAT, como peça histórica da instituição, de Minas Gerais e do Brasil. Todo esse processo levou um tempo para ser cumprido, sendo finalizada transferência do carro já nos anos 2000. Tudo caminhou, mais recentemente, como a ideia inicial, de total restauração do veículo, que será efetivamente conduzida pela FIAT, preservando todas as suas características originais.

Em breve, o lendário automóvel FIAT 147 estará pronto para ser apreciado pelo público e será cedido pela Superintendência Regional à FIAT Automóveis, por meio de convênio, em fase de assinatura entre o órgão e a montadora que circulará com o mesmo em exibição para grandes públicos, ressalvada sempre sua origem e história.

É este o destino dos bens culturais que, entendemos, devem servir à sociedade como exemplos permanentes do processo civilizatório de uma comunidade, de um setor específico, espelhando, enfim, a diversidade cultural do nosso País.



*Entrega da frota de FIAT 147, à Delegacia do Ministério da Fazenda do RJ, em agosto de 1979*



*Acácio Cândido da Silveira Santos, atual Superintendente do Ministério da Fazenda em MG; Rogério Faria Tavares, Supervisor de Comunicação Corporativa da FIAT; Eugênio Ferraz, ex-Superintendente do Ministério da Fazenda em MG e atual Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais; Ricardo Dilser e Thiago Somavilla, da Comunicação Corporativa da FIAT, quando da visita ao depósito do MF, em vistoria inicial ao veículo.*



**A ASSEMBLEIA  
DE MINAS TRABALHA  
PARA MELHORAR  
A VIDA DOS MINEIROS.**

**BOLSA RECICLAGEM  
COMBATE À POBREZA  
ASSINE + SAÚDE  
MARCHA CONTRA O CRACK  
FUNDO DE ERRADICAÇÃO DA MISÉRIA  
ESTATUTO MINEIRO DA MICRO E PEQUENA EMPRESA  
LEI DO QUEIJO ARTESANAL**



**MOVIMENTO IDADE COM QUALIDADE  
PASSE LIVRE INTERMUNICIPAL  
PARA PESSOAS ACIMA DE 65 ANOS  
E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA  
REDES SOCIAIS  
CRIOU O DÊ SUA OPINIÃO  
RENEGOCIAÇÃO DA DÍVIDA  
DE MINAS GERAIS**



**FIM DO VOTO SECRETO  
FIM DO AUXÍLIO-MORADIA\*  
FIM DO 14º E 15º SALÁRIOS  
DOS DEPUTADOS  
FIM DA HORA EXTRA**



Nos últimos três anos, a Assembleia criou novas medidas de austeridade e transparência, reduziu custos e melhorou a qualidade de vida dos cidadãos de todas as idades. Também investiu em mecanismos de aproximação com a população, para maior participação de todos, e trabalhou para diminuir as diferenças sociais no Estado. Isso porque a Assembleia de Minas é sua. É o poder e a voz do cidadão.

**SAIBA MAIS EM ALMG.GOV.BR E NA TV ASSEMBLEIA.  
PARTICIPE. ACOMPANHE. DÊ SUA SUGESTÃO.**

\*Deputados com imóvel na RMBH.

Assista à TV Assembleia  
[www.almg.gov.br](http://www.almg.gov.br)  
Rua Rodrigues Caldas, 30  
Belo Horizonte (31) 2108 7800



**ASSEMBLEIA  
DE MINAS**  
Poder e Voz do Cidadão

@assembleiamg assembleiademinas App Store ALMG



